

LIVROS

O poder da ideologia

de István Mészáros

Redescobrimo o poder emancipatório da ideologia

Vânia Noeli Ferreira da Assunção*

“Alguns anos atrás, a revista Time colocou em sua capa o busto de Marx com a inscrição ‘Marx está morto’, assinado: ‘Os Novos Filósofos Franceses’. Isso me lembrou do que ocorrera muitos anos antes no Salão da Fama da Universidade de Viena, onde o busto de Nietzsche portava a inscrição ‘Deus está morto’, assinado ‘Nietzsche’. Certo dia, outra inscrição apareceu abaixo da original. Dizia ‘Nietzsche está morto. Deus’”.

A anedota transcrita acima, contada pelo filósofo húngaro István Mészáros em seu livro recentemente lançado no Brasil, *O Poder da Ideologia* (Editora Ensaio, 635 páginas, R\$ 45,00), adapta-se quase profeticamente a um fenômeno que tem ocorrido no país nos últimos tempos, que preconiza a negação da parte “morta” de Marx, a ontologia do trabalho, e que busca a “parte viva” no chamado *método dialético*, que se aplicaria muito mais a questões culturais.

Diante de tal despropósito-que pretende apartar do marxismo o trabalho como protoforma do ser, obliterando uma de suas principais características, o estreito relacionamento e interdependência entre teoria e prática, a práxis-, o lançamento *d’O Poder da Ideologia* corporifica uma postura assumidamente contracorrente. De fato, de acordo com Daniel Singer, o livro é “um presente esplêndido para os leitores, que encontram nele um manancial de

* Pós-graduanda em Ciências Sociais na PUC-SP e membro do NEILS.

informações, uma boa dose de antídoto e, acima de tudo, um vigor para resistir ao ambiente hostil da atualidade”.

Mészáros é, hoje, um dos pensadores mais marcantes no campo do marxismo. Tem sido um dos mais áduos defensores da teoria marxiana contra qualquer distorção ou má-interpretação, tenham elas que causas tiverem. De inclinação lukacsiana (de quem, aliás, foi orientando), tem uma produção extensa e consegue tratar de assuntos os mais diversos com precisão e originalidade (basta uma olhada no índice d’O Poder da Ideologia para confirmar isso), e o faz com apaixonada convicção da necessidade e da possibilidade de uma formação social que vá *para além do capital*.

À crítica daqueles que, torcendo o nariz, declaram a impropriedade da afirmação-já que, segundo eles, rigor científico e paixão militante não se coadunam – Mészáros dedica quase a totalidade da primeira parte do livro, sobre a natureza da ideologia. Debruçando-se demorada e cuidadosamente sobre textos das mais diversas correntes – da “modernidade” à “pós-modernidade, passando por Weber, Aron, Merleau-ponty, Adorno, Habermas e Marcuse, entre outros, e abordando ainda várias ideologias “antiideológicas”-, põe em relevo as circunstâncias sociohistóricas que possibilitaram o surgimento e o predomínio de tal ou qual ideologia e destaca, em sua posição ontológica, a visão de mundo que subjaz a elas. Já de início ressalta que “a ideologia não é ilusão nem superstição de indivíduos mal-orientados, mas uma forma específica de consciência social, materialmente ancorada e sustentada”, que “afeta tanto os que desejam negar sua existência quanto aqueles que reconhecem abertamente os interesses e os valores intrínsecos das várias ideologias”.

A segunda parte do livro trata das relações entre ideologia, metodologia e ciência. O filósofo húngaro inicia criticando “a aceitação da estrutura do discurso” cientificista, que resulta sempre “em uma capitulação de *facto* ante uma falsa problemática, trazendo consigo as consequências desorientadas de uma concepção completamente idealista da chamada ‘prática teórica’”, ou, em outras palavras, “equivale a situar-se, conscientemente ou não, na estrutura de um discurso que favorece o adversário ideológico e contribui para a legitimação de sua atividade”.

Em seguida, numa análise bastante inusual da ciência e da tecnologia, ele mostra que esta, ao contrário do que prega o mito, está longe de ser neutra, mas “pode assumir funções muito diferentes nas confrontações intelectuais e ideológicas, segundo os contextos sociais em mutação”. Segundo Mészáros, Marx já considerava a ciência como um aspecto do complexo geral de desenvolvimento e, por conseguinte, “inevitavelmente sujeita às mesmas contradições que caracterizam as práticas produtivas capitalistas em sua totalidade. Não se atribuía posição privilegiada a uma ‘ciência’ idealizada (em

oposição à ‘ideologia’ ou a qualquer outra coisa)”. A ilusão da autodeterminação ‘não-ideológica’ e da correspondente ‘neutralidade’ da ciência’, continua ele, ‘não é um ‘erro’ ou uma ‘confusão’ (...). “Antes, é uma ilusão *necessária*, com suas raízes firmemente plantadas no solo social da produção de mercadorias e se reproduzindo constantemente sobre essa base”.

Nenhum exemplo de que “a ciência e a tecnologia estão elas mesmas sempre profundamente inseridas nas estruturas e determinações sociais de sua época” é mais eloqüente que a militarização da ciência, de um lado, e de outro, a lei tendencial da *taxa de utilização decrescente* tanto dos bens e serviços quanto das instalações e maquinaria e, por fim, da própria força de trabalho.

A produção destrutiva do capital, mensurada pela taxa de utilização decrescente exposta por I. Mészáros, é uma das mais importantes tendências do capitalismo, intimamente relacionada à necessidade de expansão do capital. Se não é o primeiro a apontar a “produção do desperdício”, Mészáros é certamente o primeiro a estudá-la profundamente, em suas implicações positivas e negativas e nas diferentes funções que tem exercido pelas diversas etapas do capitalismo. Ele destaca que a taxa de utilização decrescente reflete a “contradição inconciliável entre a produção para o uso (correspondente à necessidade) e a produção para a *trocá*”, que se torna predominante já que, no capitalismo, *transação comercial* corresponde a “consumo”. Como destaca seu editor, J.Chasin, a “expansão desparamentada” da produção, assim realizada, perde “qualquer padrão ou medida humana”.

Em um dos mais instigantes capítulos *d’O Poder da Ideologia*, Mészáros desenvolve uma teoria extremamente interessante a respeito da inter-relação entre a taxa decrescente de uso e o surgimento e desenvolvimento do complexo militar-industrial. Segundo ele, “A grande inovação do complexo militar-industrial para o capitalismo foi eliminar a distinção literalmente vital entre *consumo e destruição*. Tal coisa pode ocorrer porque consumo e destruição são *equivalentes funcionais* do ponto de vista perverso do ‘processo de realização’ capitalista”. O complexo militar-industrial “resolve” várias restrições à “elevação do consumo a uma infinitude imaginária”, uma vez que não depende dos apetites naturalmente limitados dos consumidores; e legitima a equivalência entre “produção dos meios de destruição” e produção propriamente dita em nome da criação de empregos, de modo que, “a partir de agora, o *produtor-comprador-consumidor* miticamente fundido é nada menos que a própria ‘nação”.

Na terceira e última parte do trabalho, ele volta a questões que fazem parte de seu horizonte há muitos anos. Em artigo de 1977 – mais de uma década antes, portanto, da “imprevisível” queda dos regimes pseudosocialistas da União Soviética e do Leste europeu – ele já chamava a atenção

para a distinção marxiana entre *capital* e *capitalismo*, afirmando que aquelas sociedades pós-revolucionárias haviam superado este, mas encontravam-se ainda sob o domínio daquele (ver “Poder político e dissidência nas sociedades pós-revolucionárias”, Ensaio 14, Ensaio, 1985). Tal distinção - comodamente esquecida, tanto pelos que defendiam aqueles regimes como por aqueles que a eles se opunham - é de fundamental importância para se compreender que a crise da antiga URSS fazia parte da crise *total* do sistema social regido pelo capital (dividido, então, em dois subsistemas).

As implicações dessa distinção, que Mészáros tanto tem se esforçado em discutir, são obviamente muito importantes, pois uma sociedade em que, conforme Marx, “o processo de vida social se torna produto de homens *livremente* associados e se coloca sob seu controle consciente e planejado” só pode surgir quando se superar não simplesmente o capitalismo, mas o *capital* enquanto controlador do metabolismo societário. Isso traz à tona, como ele bem destaca, a questão do resgate da *revolução social* construtiva, em contraste com a revolução política puramente negativa. (É também nesse sentido que ele critica a tese da “democracia direta”, que se mantém no nível político, em simples contradição à democracia formal.)

Isso reporta *A Ideologia Alemã*, de Marx, em que a emancipação humana só pode ser efetivada com a superação das classes sociais, do estado e da propriedade privada. O pensador húngaro ressalta algo também bastante esquecido: “a classe é, paradoxalmente, tanto o veículo necessário quanto o *agente* ativo da tarefa histórica da emancipação socialista e, ao mesmo tempo, também um *obstáculo* fundamental à sua realização”, tendo em vista principalmente a contradição entre a classe e seus membros. Ele examina igualmente temas como a base estrutural das relações de classe, a importância da contingência histórica para a construção de uma nova formação social, a relação entre autonomia individual e emancipação humana, entre muitas outras questões. Quem, dentre os preocupados com “o futuro do trabalho”, nunca especulou sobre o que ocorreria com a divisão do trabalho? Ou sobre se existiria e, caso exista, como seria o estado pós-revolucionário? Ou nunca se preocupou com as novas e perturbantes questões postas pelo “desenvolvimento do subdesenvolvimento” (que suscita respostas sobre a forma como se daria a “transição para o socialismo em um contexto global hostil”)?

A importância dessas discussões é quase auto-evidente, uma vez que, em geral, “as ideologias que se esgotam na negação pura e simples fracassam logo e não conseguem fazer valer qualquer reivindicação real de constituírem uma alternativa viável”. Por isso ele se contrapõe radicalmente ao “costume” de considerar a ideologia como “o principal obstáculo da consciência para a autonomia e a emancipação”. Pelo contrário, destaca ele, “A ideologia pode

(e de fato o faz) servir a ambos os lados com seus meios e métodos de mobilização dos indivíduos”.

I. Mészáros, mais uma vez, mergulha na discussão, reafirmando ao fim e ao cabo sua confiança na possibilidade e na necessidade da construção de uma nova sociedade. Ele termina seu livro com uma belíssima demonstração de firme esperança na possibilidade de um futuro socialista para a humanidade. E faz questão de destacar que “é impossível tornar reais aquelas potencialidades socialistas que abundam em nosso tempo histórico sem o poder da ideologia emancipatória. Sem esta última, as classes trabalhadoras dos países capitalistas avançados não podem se tornar ‘conscientes dos seus interesses’, quanto mais ‘lutar por eles’-em solidariedade e efetiva cooperação com as classes trabalhadoras daquelas ‘outras’ partes do único mundo real-até uma conclusão positiva”.